

# SINAIS DOS TEMPOS

/ MARIA – UM FENÓMENO  
/ DO SÁBADO PARA O DOMINGO  
/ ALEGRIA E SAÚDE

# T



# *Equívocos* **DA HISTÓRIA**

PUBLICADORA SERVIR  
2º TRIMESTRE 2021  
N. 157 / ANO 39 / €2,00



0 873901 321020



PUBLICADORA SERVIR  
2º TRIMESTRE 2021  
N. 157 / ANO 39

REVISTA INTERNACIONAL  
EDIÇÃO TRIMESTRAL  
EM LÍNGUA PORTUGUESA

DIRETOR **Ezequiel Quintino**  
DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**  
COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**  
E-MAIL [sinais@pservir.pt](mailto:sinais@pservir.pt)

DESIGN GRÁFICO **Rita Mendes Sadio**  
DIAGRAMAÇÃO **Sara Sayal**  
ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA  
**Publicadora SerVir, S. A.**  
DIRETOR-GERAL **Artur Guimarães**  
SEDE E ADMINISTRAÇÃO  
**Rua da Serra, 1 – Sabugo**  
**2715-398 Almargem do Bispo**  
**21 962 62 00**

EDIÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA  
**Editorial Safeliz**

EDIÇÃO EM LÍNGUA FRANCESA  
**Éditions Vie et Santé**

EDIÇÃO EM LÍNGUA ITALIANA  
**Edizione ADV**

IMPRESSÃO E ACABAMENTO  
**Jorge Fernandes, Lda. – Artes Gráficas**

TIRAGEM **9000** exemplares

DEPÓSITO LEGAL Nº **63193/93**

PREÇO NÚMERO AVULSO **2,00€**

ASSINATURA ANUAL **8,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO ICS  
DR 8/99 ISSN 0873-9013

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

## ≈ ÍNDICE ≈

### 03

EDITORIAL

Equívocos da História

### CRENÇAS

### 04



Maria – Um Fenómeno  
*Sinal dos tempos.*

### BÍBLIA

### 12

Texto Amado, mas...  
Mal Compreendido  
*O texto mais amado da Bíblia ganha um novo sentido.*

### HISTÓRIA

### 16



Do Sábado para o Domingo  
*Por que razão a maioria dos Cristãos considera o domingo como dia santo?*

### CIÊNCIA

### 26



Alegria e Saúde  
*A comprovação científica de que a alegria dá saúde.*

### 31

NOTÍCIA POSITIVA  
Produz e Doa Livros em Braille  
*Um ministério de amor.*

### 32

NOTÍCIAS QUE FAZEM  
PENSAR  
Glaciares e Icebergs na Antártida  
*O resultado do aquecimento global.*

### 34



A BÍBLIA ENSINA  
O Amor de Deus  
*O maior amor do Universo!*

# Equívocos da História



**Pr. Ezequiel Quintino**

*Diretor*

Os dias, as semanas, os meses e os trimestres sucedem-se nesta já acostumada (a)normalidade. O cansaço é notório e a saturação leva ao descuido. Começamos a ter a tendência para romper, conscientemente ou não, as regras de proteção e de segurança. O risco para todos aumenta. Mas, afinal, vale a pena estar atento e prevenir em confinamento, apesar de todos os inconvenientes e de todas as consequências que ninguém quer. Até porque já se começou a vacinar por aí, cá dentro e lá fora, noutros países. Com as vacinas a darem provas de eficácia contra o vírus indesejado, recuperam-se forças e ânimo, passado que está mais de um ano de Pandemia. Agora, confirma-se a esperança de derrota da doença e, sobretudo, de podermos regressar a um comportamento idêntico ao pré-pandémico. Porém, não será assim tão rapidamente como desejaríamos. Teremos de envolver esta esperança em paciência e perseverança, porque vamos precisar delas nos longos meses em que ainda usaremos máscara e teremos de manter as regras de segurança. Caminharemos lenta, mas seguramente. Já que aqui chegámos, não vamos desistir agora!

Para ajudar nesta espera paciente, tem esta *Sinais dos Tempos* com matéria para reflexão. Descobrirá a expressão do inequívoco amor de Deus, que nos maravilha sem-

pre, ao meditarmos e tentarmos descobrir o sentido dos textos que afirmam esse mesmo amor. Depois, encontrará dois dos mais graves equívocos da História. O primeiro: ninguém fica indiferente ao fenómeno instalado na Sociedade que ultrapassa a fronteira do religioso – Maria. O segundo: a longa e surpreendente, porém previsível, história do surgimento da observância do domingo no Cristianismo pós-apostólico, em detrimento do sétimo dia – o Sábado.

Entretanto, vale a pena ser alegre! A Ciência prossegue nos estudos que confirmam a ação benéfica da alegria na nossa saúde geral. Como notícia positiva há um exemplo ímpar de sensibilidade e de dedicação. Em contrapartida, lidará com duas notícias interligadas que aumentam a nossa preocupação em relação ao nosso futuro no Planeta.

A terminar, perceberá de forma esquemática o infinito amor do nosso Deus Criador e Pai e como Ele lida connosco e com o mal que nos rodeia. Apegue-se a este Deus que tudo continua a fazer para nos libertar deste cativo e para nos devolver a uma liberdade e a uma felicidade plenas. Eu, por mim, vou caminhando com Ele, acompanhado de outros. Traga mais alguém consigo, e junte-se a nós! ▢

CRENÇAS

# MARIA – UM FENÓMENO

≈

Samuele Bacchiocchi

*Teólogo*





Escritores religiosos falam com frequência da era moderna como “A Era de Maria”. Um artigo de fundo da revista *Time*, precisamente intitulado “The Age of Mary” (“A Era de Maria”), adverte: “Numa época em que cientistas debatem as causas do surgimento do Universo, tanto a adoração como os conflitos a respeito de Maria atingem níveis fora do comum. Acontece à escala mundial, entre pessoas comuns, um despertar religioso centrado na Virgem. Milhões de fiéis, muitos deles jovens, acorrem aos santuários marianos. Ainda mais extraordinário é o número de pessoas que alega ter visto, em anos recentes, aparições da Virgem, desde a Iugoslávia até ao Colorado, nos Estados Unidos da América.”<sup>1</sup> Ao que parece, o mundo mistificou-se e ficou seduzido pelo constante encanto e fascínio das aparições de Maria.

Segundo a *Time*, cresce o número de pessoas que fazem peregrinações a santuários religiosos: “Em Lourdes, o maior santuário de peregrinação da França, a frequência anual subiu 10% em dois anos, chegando a 5,5 milhões.” O interesse por santuários marianos está a crescer à medida que “pessoas de todo o mundo [...] viajam distâncias enormes para demonstrar pessoalmente a sua veneração pela mãe de Jesus. O século XX tornou-se no século das peregrinações marianas”.<sup>2</sup> As estatísticas apresentadas pela *Time* reforçam a rapidez com que cresce o interesse por Maria. “Em Fátima, Portugal, o santuário que marca a aparição de Maria a três crianças, em 1917, atrai 4,5 milhões de peregrinos por ano, oriundos de um número de países cada vez maior. [...] Em Czestochowa, na Polónia, as visitas ao santuário da Madona Negra já atingem os cinco milhões por ano, concorrendo com Fátima e Lourdes, desde que

<sup>1</sup> Richard N. Ostling, “The Age of Mary”, *Time*, 30 de dezembro de 1991, p. 42.

<sup>2</sup> *Ibidem*.

João Paulo II o visitou, em 1979. Em agosto de 1991, o Papa falou naquela cidade a um milhão de jovens Católicos. Em 1990, em Emmitsburg, Maryland, dobrou para 500 mil o número de pessoas que visitaram um dos mais antigos dos 43 principais lugares marianos dos Estados Unidos da América, o Santuário Nacional da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes.<sup>3</sup>

Numa matéria de capa intitulada “The Meaning of Mary” (“O Significado de Maria”), a revista *Newsweek* resume a história de Maria, dizendo: “O segredo do misterioso poder de Maria pode estar justamente aqui: por não ter história própria, ela seduz cada nova geração a criar uma imagem dela. A Bíblia apresenta apenas fragmentos de relatos em que se podem apoiar [...]. A partir dessa escassa linha de desenvolvimento, Maria cresce gradualmente em estatura. Para surpresa geral, essa obscura mãe judia absorveu e transformou as mais poderosas deusas pagãs. Ela é tanto a *Madona* que dá vida como a *Pietá* que recebe os mortos. Depois que o ascetismo se tornou num caminho privilegiado para a santidade cristã, Maria converteu-se na virgem perpétua, o modelo de castidade e abnegação. Em 431, o Concílio de Éfeso promulgou a primeira declaração dogmática sobre Maria: ela devia ser honrada como *Theotokos*, a Portadora de Deus ou a Mãe de Deus [...]. No século XIX, muito tempo depois de muitos Reformadores Protestantes terem rejeitado o culto da Virgem como disparate papista, o Papa Pio IX proclamou o dogma Católico da imaculada concepção.”<sup>4</sup>

### JOÃO PAULO II: UM PAPA MARIANO

O rápido crescimento da afluência de peregrinos a santuários marianos é quase ofuscado por relatos de supostas novas aparições

<sup>3</sup> *Ibidem*.

<sup>4</sup> “The Meaning of Mary”, *Newsweek*, 25 de agosto de 1997, p. 36.



**O interesse por santuários marianos está a crescer à medida que “pessoas de todo o mundo [...] viajam distâncias enormes para demonstrar pessoalmente a sua veneração pela mãe de Jesus.**



de Maria em diferentes partes do mundo. Tal fenômeno trouxe grande satisfação ao falecido Papa João Paulo II, cuja devoção a Maria estava impregnada na sua pátria polaca. Quando João Paulo se sagrou Bispo, em 1958, mandou decorar o seu brasão de armas com um “M” de ouro e escolheu como lema *Totus tuus Sum Maria*, que, em latim, significa: “Eu sou totalmente teu, Maria.” “Durante as incontáveis visitas que fez a santuários marianos, João Paulo invocava a Madona em quase todos os discursos e orações que proferia. Ele cria piamente que a intercessão pessoal de Maria lhe poupara a vida quando foi baleado, em 1981, na Praça de S. Pedro. À semelhança de muitos outros, o Pontífice também estava convencido de que ‘Maria pôs um fim ao Comunismo em toda a Europa’.”<sup>5</sup>

Em 8 de outubro de 2000, diante da imagem da Virgem de Fátima, João Paulo II consagrou o mundo e o novo milênio a “Maria Santíssima”. Aliás, Maria tem destaque nos ensinamentos de todos os Papas, e constitui um aspecto importantíssimo na vida de milhões de Católicos.

### MARIA É VISTA COMO PONTE ECUMÊNICA

Maria está a tornar-se cada vez mais na ponte ecumênica entre Protestantes, Muçulmanos e a Igreja de Roma. Em 21 de novembro de 1964, o Concílio Vaticano II previu, na sua Constituição Dogmática da Igreja, chamada *Lumen Gentium* (*Luz dos Povos*), que as intercessões de Maria “diante do Filho na comunhão de todos os santos” talvez conseguissem “reunir em paz e harmonia, e num único povo de Deus”, todas as famílias da Terra (§ 69). Naquela época, os Protestantes acharam ridícula tal predição, mas, hoje, a situação mudou. Publicações Protestantes recentes a respeito de Maria mostram que ela realmente pode ser a ponte ecumênica que unirá Cristãos de todos os Credos, elimi-

nando gradativamente a rejeição dos dogmas Católicos sobre Maria.

Depois de listar as sete principais publicações escritas em regime de colaboração entre pesquisadores Católicos e Protestantes, o Anglicano John Macquarrie concluiu: “Por paradoxal que seja, algumas das mais importantes interpretações da doutrina mariana deste século chegaram até nós por meio de pesquisadores Protestantes pertencentes às mais diversas Denominações. Maria não pertence a nenhuma Igreja ou Denominação. Ela é a mãe daqueles que ‘têm o testemunho de Jesus’.”<sup>6</sup>

Cada vez mais escritores Protestantes aceitam Maria como a esperança para a unidade ecumênica de todos os Credos. No seu livro *A Protestant Pastor Looks at Mary* (*Um Pastor Protestante Analisa Maria*), o pesquisador Luterano Charles Dickson fala de Maria como um “excelente modelo da autêntica esperança cristã. É a esperança para toda a Humanidade. Essa leitura e esse entendimento esclarecido da Comunidade Protestante ajudarão a redirecionar a atenção de todo o mundo cristão para Maria, não como um ponto de divisão, mas como a verdadeira ponte de unidade para todos nós”.<sup>7</sup>

No seu artigo “Protestants and Mary Devotion: What About Mary?” (“Protestantes e Devoção Mariana: O que Há sobre Maria?”), o teólogo Metodista Jason Byassee escreve: “Dizer ‘Ave, Maria, cheia de graça, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte’ parece expressar um acréscimo extrabíblico. Mas pedir a Maria que rogue por nós talvez não seja propriamente uma oração antiprotestante. Agir assim pode talvez até mesmo salva-

<sup>5</sup> Richard N. Ostling, “The Age of Mary”, *Time*, 30 de dezembro de 1991, p. 42.

<sup>6</sup> Eric Mascall, *Modern Protestant on Mary*. [www.mariology.com/sections/modern.html](http://www.mariology.com/sections/modern.html)

<sup>7</sup> Charles Dickson, *A Protestant Pastor Looks at Mary* (1996), p. 110.

guardar o dogma cristológico e proteger contra o patriarcalismo. Quem sabe? Maria pode ser, afinal de contas, precisamente a chave para o futuro do ecumenismo.”<sup>8</sup>

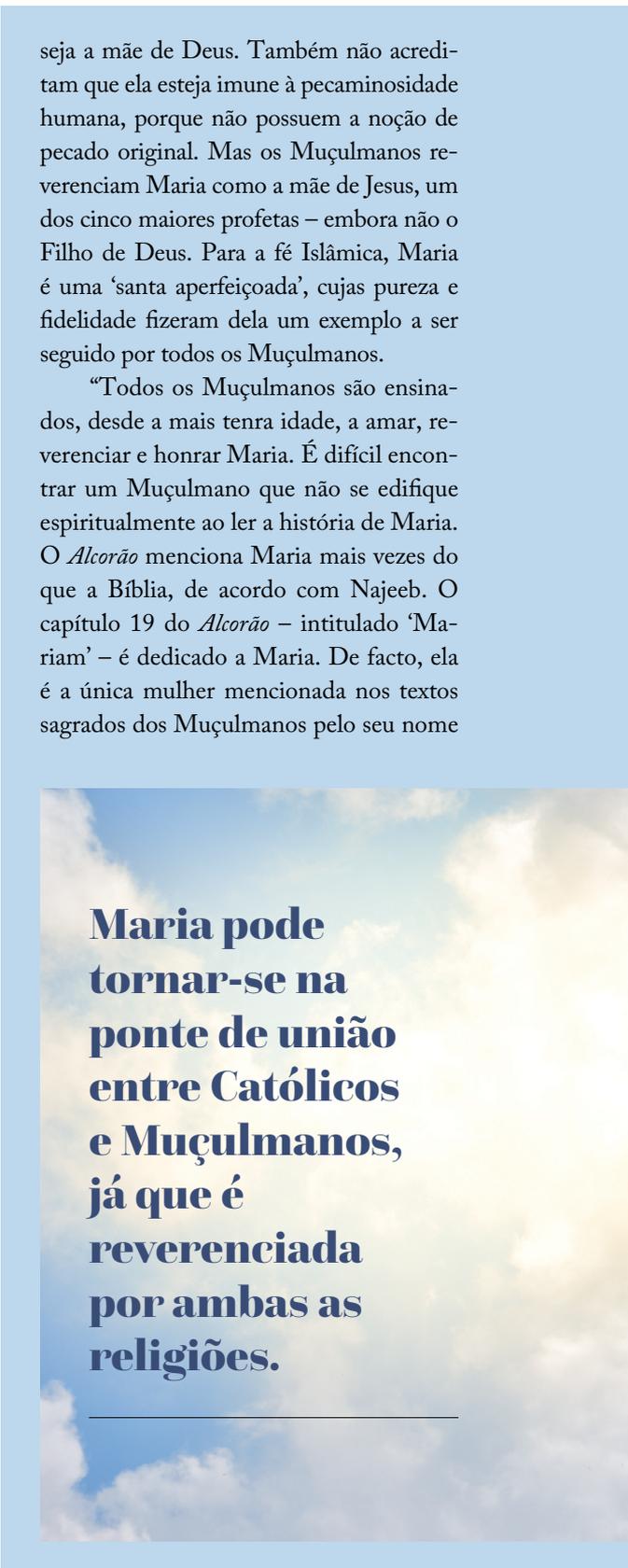
A colaboração entre pesquisadores Protestantes e Católicos para apreciar o mérito de Maria no Novo Testamento exemplifica a busca ecuménica por uma redescoberta da mãe do Salvador. O resultado mais perceptível dessa busca conjunta é o livro *Mary in the New Testament (Maria no Novo Testamento)* (1978), escrito por uma equipa de pesquisadores Católicos Romanos e Protestantes Históricos. Outra importante obra é *The Mother of God (A Mãe de Deus)*, resultante de uma conferência entre teólogos Anglicanos e Ortodoxos orientais. E mais uma obra: *The One Mediator, the Saints, and Mary (O Único Mediador, os Santos e Maria)* (1992), que reúne uma série de conferências realizadas por pesquisadores Católicos e Luteranos. Por paradoxal que pareça, algumas das mais importantes reavaliações de Maria nos últimos anos são da autoria de pesquisadores Protestantes oriundos das mais diversas Denominações.

#### **PODE MARIA TORNAR-SE NA PONTE DE UNIÃO ENTRE CATÓLICOS E MUÇULMANOS?**

Maria pode tornar-se na ponte de união entre Católicos e Muçulmanos, já que é reverenciada por ambas as religiões. Oraadores enfatizaram esse ponto numa conferência Cristã-Islâmica sobre o papel desempenhado por Maria em cada uma dessas religiões. Nessa conferência, Janan Najeeb, Diretora da Coligação das Mulheres Muçulmanas de Milwaukee, falou sobre o papel de Maria na fé Islâmica, afirmando: “Os Muçulmanos não creem que Maria, conhecida no Islão como ‘Mariam’,

seja a mãe de Deus. Também não acreditam que ela esteja imune à pecaminosidade humana, porque não possuem a noção de pecado original. Mas os Muçulmanos reverenciam Maria como a mãe de Jesus, um dos cinco maiores profetas – embora não o Filho de Deus. Para a fé Islâmica, Maria é uma ‘santa aperfeiçoada’, cujas pureza e fidelidade fizeram dela um exemplo a ser seguido por todos os Muçulmanos.

“Todos os Muçulmanos são ensinados, desde a mais tenra idade, a amar, reverenciar e honrar Maria. É difícil encontrar um Muçulmano que não se edifique espiritualmente ao ler a história de Maria. O *Alcorão* menciona Maria mais vezes do que a Bíblia, de acordo com Najeeb. O capítulo 19 do *Alcorão* – intitulado ‘Mariam’ – é dedicado a Maria. De facto, ela é a única mulher mencionada nos textos sagrados dos Muçulmanos pelo seu nome



**Maria pode  
tornar-se na  
ponte de união  
entre Católicos  
e Muçulmanos,  
já que é  
reverenciada  
por ambas as  
religiões.**

<sup>8</sup> Jason Byassee, “Protestants and Mary Devotion: What About Mary?”, [www.religion-online.org/showarticle.asp?title=3156](http://www.religion-online.org/showarticle.asp?title=3156)

próprio, e não por uma referência, tal como ‘esposa de’ ou ‘filha de’. A posição de Maria é tão significativa no Islão que muitos estudiosos Islâmicos acreditam que ela tenha sido uma profetisa.”<sup>9</sup>

Maria está a tornar-se cada vez mais no argumento em comum entre Católicos e Muçulmanos. Em 1952, o Arcebispo Fulton Sheen dedicou um capítulo do seu livro *The World's First Love (O Primeiro Amor do Mundo)* a Maria. Nesse capítulo, intitulado “Mary and the Moslems” (“Maria e os Muçulmanos”), ele expressou a sua firme crença de que os “Muçulmanos se converterão por fim ao Cristianismo, graças à devoção que eles já dedicam à Virgem Maria. Na verdade, Deus Pai parece contar com um plano especial para atrair os Muçulmanos para Jesus através da Sua Mãe, Maria” ([www.michaeljournal.org/marymoslems.htm](http://www.michaeljournal.org/marymoslems.htm)).



Em anos recentes, os Papas João Paulo II e Bento XVI trabalharam arduamente para desenvolver uma nova parceria entre o Papado e o Islão, com base na crença de que Católicos e Muçulmanos adoram o mesmo Deus de Abraão e veneram a mesma Maria, mãe de Jesus. Tal crença expressa-se no novo e oficial *Catecismo da Igreja Católica*, que afirma: “A Igreja tem alta consideração pelos Muçulmanos. Eles adoram Deus, que é único, vivo, subsistente, misericordioso e altíssimo, o Criador do céu e da Terra, que também fala aos homens. Eles empenham-se em se submeter sem reserva aos decretos ocultos de Deus, assim como Abraão se submeteu ao plano de Deus, cuja fé os Muçulmanos associam à sua própria fé. Embora não reconheçam Jesus como Deus, veneram-n’O como profeta; e honram também a Sua virgem Mãe, chegando mesmo, por vezes, a invocá-la devotadamente.”<sup>10</sup>

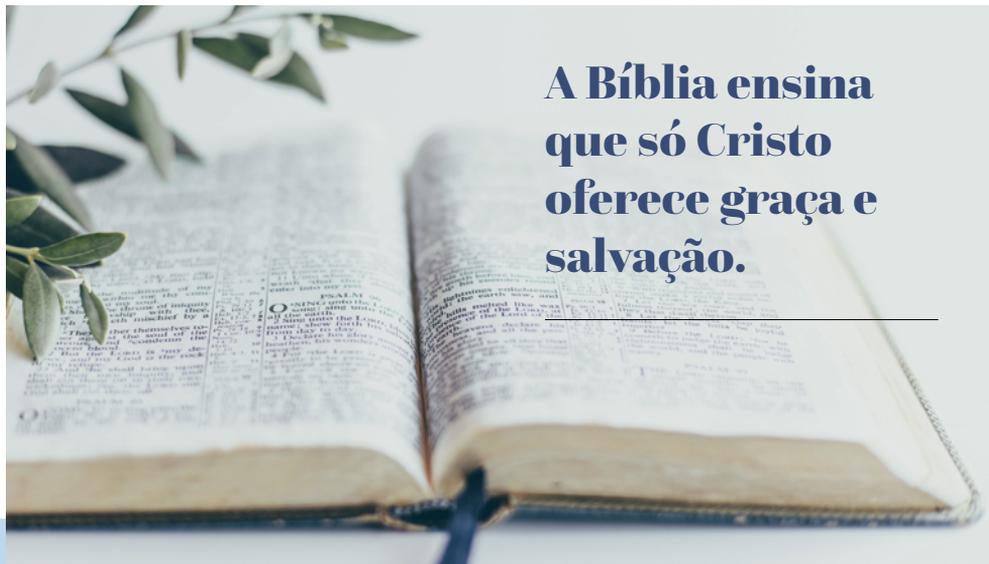
Fica evidente que a estima Católica para com o Islão sofreu uma mudança fundamental, deixando o Islão de ser a religião dos “infieis” para passar a ser a religião dos fiéis que adoram o mesmo Deus de Abraão e veneram a mesma Maria, mãe de Jesus. A determinação dos Papas em desenvolver uma parceria com Muçulmanos decorre do simples facto de que o total de 1,3 biliões de Muçulmanos ultrapassa o um bilião de Católicos. Ao reconhecer a legitimidade da fé Islâmica, o Papa está a facilitar a aceitação Muçulmana do papel desempenhado pelo Pontífice como líder de uma futura Nova Ordem Mundial.

## CONCLUSÃO

Devido à exaltação de Maria a uma posição semelhante à de Cristo, e devido à

<sup>9</sup> Citado em Will Ashenmacher, *Muslim, Christians Discuss Mary*, *The Marquette Tribune*, 14 de setembro de 2004, secção sobre notícias.

<sup>10</sup> *Catechism of the Catholic Church* (1994), p. 223, § 841.



## A Bíblia ensina que só Cristo oferece graça e salvação.

crecente aceitação de Maria entre Católicos e Protestantes como a esperança de unidade ecumênica para todos os Credos, examinaremos nos próximos trimestres as crenças populares sobre Maria, à luz das Escrituras. Abordaremos os seguintes temas: (1) A Perpétua Virgindade de Maria; (2) A Imaculada Conceição de Maria; (3) A Assunção Corporal de Maria; (4) O Papel de Maria como Mediadora e Redentora; e (5) A Veneração de Maria.

Entretanto, ao longo do tempo, a Igreja Católica Apostólica Romana desenvolveu dogmas que elevaram Maria a posições e funções similares às de Cristo e às do Espírito Santo. A terminar, recordam-se esquematicamente seis paralelos significativos entre os ensinamentos bíblicos a respeito de Jesus e os ensinamentos Católicos a respeito de Maria, Sua mãe.

**A Bíblia** ensina que Cristo nasceu sem pecado e viveu uma vida sem pecado.

**A Igreja Católica** declara que Maria foi concebida sem a mancha do pecado original e viveu uma vida sem pecado.

**A Bíblia** ensina que só Cristo oferece graça e salvação.

**A Igreja Católica** diz que Maria dispensa graça e salvação.

**A Bíblia** ensina que Cristo ascendeu ao Céu para atuar como Rei dos reis.

**A Igreja Católica** afirma a assunção corporal de Maria ao Céu para ocupar a posição de rainha do Céu.

**A Bíblia** ensina que Cristo é o único Mediador e Redentor.

**A Igreja Católica** defende que Maria é Mediadora e Corredentora.

**A Bíblia** ensina que o Espírito Santo é o Auxiliador e Advogado dos crentes.

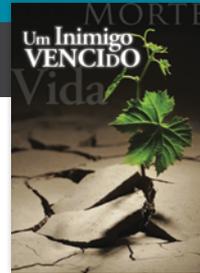
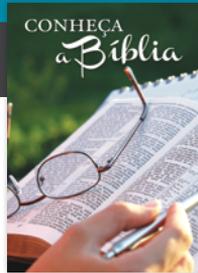
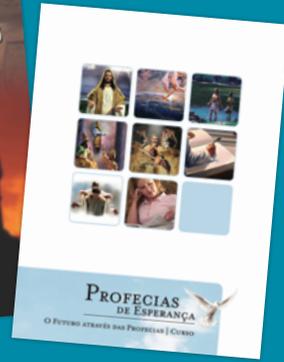
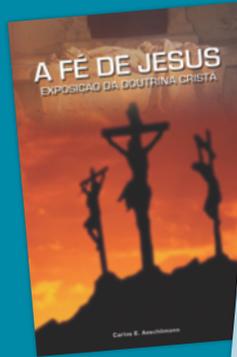
**A Igreja Católica** proclama que Maria é a Auxiliadora e Advogada dos crentes.

**A Bíblia** ensina que Cristo, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, é Deus Santíssimo.

**A Igreja Católica** anuncia que Maria também é Santíssima.

Evidências de “sinais dos tempos” ... ▮

Artigo adaptado de Samuele Bacchiocchi, *Crenças Populares – O que as pessoas acreditam e o que a Bíblia realmente diz*, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012, pp. 236-242.



Estude a Bíblia de forma temática com o auxílio de CURSOS.

ESPERANÇA em FOLHETOS!

Ligue e peça através do telefone **933 93 92 91.**

**BÍBLIA**

# TEXTO AMADO, MAS... MAL COMPREENDIDO<sup>1</sup>

Richard L. Litke

*“Porque Deus amou o mundo, de tal maneira, que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16, ARC – tradução comum).*

João 3:16 é o versículo bíblico citado mais frequentemente, o texto mais memorizado, as palavras mais animadoras, a passagem mais bem conhecida, a declaração mais amada. Este verso, como é habitualmente interpretado, tem sido uma bênção para milhões de pessoas, ao apontar para a imensidão do amor de Deus pela Humanidade. Todavia, ele é também o versículo menos compreendido em toda a Bíblia. Entender o seu sentido pleno pode despertar um apreço ainda maior pelo amor de Deus.

Em primeiro lugar, este versículo diz que Deus deu o Seu Filho, porque amou

os seres humanos deste mundo. Foi um amar com o tipo *agapao* de amor – que significa atribuir elevado valor, seja a quem for que se ame. Por outras palavras, João 3:16 diz-nos que Deus, o Pai, deu o Seu Filho, porque considera os filhos rebeldes de Adão como pessoas de grande valor; na prática, um valor tão imenso que mereceu a crucificação do Seu Filho! Esta percepção, em si, é suficiente para fazer de João 3:16 um texto “incrível”.

Porém, este tão amado versículo contém um elemento que não tem sido traduzido corretamente nas versões bíblicas que vão desde a *King James* até à quase totalidade das versões modernas. A palavra que tem sido incorretamente tra-

<sup>1</sup> Adaptado de *Sem Enigmas*, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2014, pp. 20-23.



duzida com tanta frequência é o advérbio grego *houtós*, que os tradutores traduzem geralmente como “*de tal maneira*”. Todavia, neste caso específico, ele não significa apenas realmente “de tal maneira”, embora, indiretamente, expresse muito acerca do quanto Deus deve ter amado o mundo. Uma compreensão mais profunda e correta do significado deste advérbio torna João 3:16 num versículo ainda mais emocionante sobre o qual pensar e pregar!

Neste ponto, terei de usar alguns termos técnicos. Mas direi claramente o que significam e qual o sentido para uma melhor compreensão de João 3:16. A palavra grega *houtós* é um advérbio *díctico anafórico*. Não se perturbe. Vamos por partes. Primeiro, esta palavra é um advérbio, o que significa, simplesmente, que nos diz como acontece a ação do verbo principal da frase “*amou*”. Segundo, é uma palavra *díctica* – significando que é uma palavra que chama a atenção ou dá ênfase a alguma coisa. Aqui, significa algo como “*desta maneira*”. E, terceiro, é uma palavra *anafórica*, significando que se refere a algo que foi mencionado anteriormente.

Então, para traduzir de modo correto o original grego, precisamos de uma palavra que nos diga como uma ação se realizou, enquanto, simultaneamente, enfatizamos essa ação e levamos o Leitor de regresso ao contexto antecedente. As línguas vivas não possuem uma palavra que possa captar claramente o que a palavra grega *houtós* diz neste caso específico. Ampliando, a ideia que está implícita no texto é: “*Deus amou o mundo exatamente da maneira como acabei de dizer, e foi por isso que Ele deu o Seu Filho*”, etc..

Por outras palavras, quando Jesus usou o advérbio *houtós* neste verso, Ele não estava a tentar dar ênfase ao quanto Deus nos amou. Este é certamente um aspeto importante a enfatizar, mas não

foi o objetivo de Jesus aqui. Jesus estava, isso sim, a dizer a Nicodemos que Deus nos amou da maneira particular como Jesus mencionara nos versos anteriores. Isto quer dizer que, se desejamos traduzir João 3:16 corretamente, se queremos ver o quadro completo do amor de Deus pelo mundo, devemos primeiro captar o foco de Jesus em João 3:14 e 15. E o que torna toda a questão tão surpreendente e emocionante é o facto de os versículos 14 e 15 descreverem uma das ilustrações mais impressionantes de toda a Bíblia. Esses versículos decisivos mencionam Jesus a relembrar a Nicodemos um estranho episódio que ocorreu enquanto Moisés conduzia os Israelitas pelo deserto, a caminho da Terra Prometida (Núm. 21:4-9).

De acordo com Números 21, o povo de Israel vinha a reclamar, com amargura e em rebelião, contra Moisés e até contra Deus, por causa das dificuldades que a jornada envolvia; especificamente, por causa do escasso abastecimento de comida e de água. A Bíblia diz que Deus enviou “*serpentes abrasadoras*” para o meio do povo – cobras venenosas que picaram muitos deles, matando um grande número. Recuperando o bom senso, o povo arrependeu-se das suas pecaminosas murmurações e suplicou a Moisés que implorasse a Deus que os socorresse. Moisés orou a Deus, intercedendo pelo povo. Nesta altura, a história dá uma guinada espantosa. Deus ordena a Moisés que faça a imagem de uma serpente de metal e a coloque numa haste. Quando as pessoas envenenadas olhavam para essa imagem, não morriam. Eram curadas.

Surpreendentemente, Jesus usou esta história para ilustrar como Ele resgataria os seres humanos pecadores das consequências da sua pecaminosa rebelião contra Deus. Jesus explicou a Nicodemos que Ele seria levantado, da mesma maneira que Moisés levantou a serpente abra-

# A única resposta apropriada a um amor como este é dar-mo-nos plena e completamente a Ele, por toda a eternidade!

dora. Com efeito, essa era apenas outra maneira pela qual Deus, o Pai, e Jesus, o Filho, podiam dizer de forma memorável que, quando Jesus veio para destruir o poder do pecado, Ele veio na forma da Humanidade pecadora. Isaías profetizou que o Servo especial de Deus seria “*contado com os transgressores*” (Isa. 53:12). Por outras palavras, embora não tivesse pecado, Ele seria tratado como pecador. É o que o apóstolo Paulo quis também dizer quando afirmou de Jesus: “*Aquele que não conheceu pecado, [Deus] o fez pecado por nós*” (II Cor. 5:21).

Jesus disse a Nicodemos que, assim como Moisés “*levantou*” a repulsiva serpente, a fim de que o povo pudesse olhar para ela, assim o nosso Senhor seria levantado e feito um espetáculo público – como se fosse um desprezível transgressor. No Império Romano, o castigo através da crucificação era visto como a pior das formas de execução, e por isso era reservado para os mais perversos criminosos. Então, ao crucificarem Cristo, as autoridades romanas e judaicas estavam, na realidade, a proclamar ao mundo que Ele era o mais abominável e ímpio miserável que a Humanidade poderia imaginar.

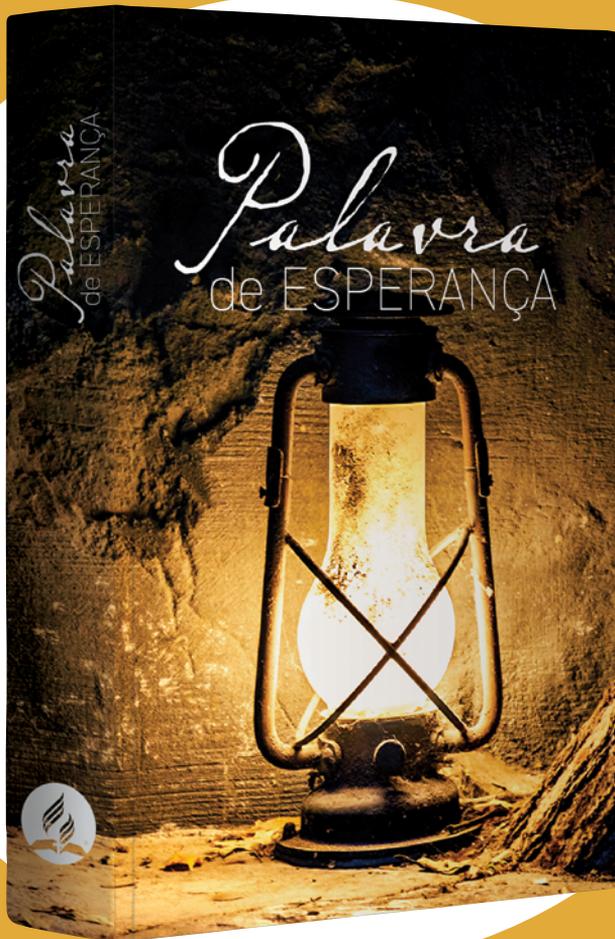
É à luz desta horrível ilustração do tempo de Moisés, aplicada por Jesus a Si mesmo, em João 3:14 e 15, que as Suas palavras registadas em João 3:16 colocam

perante nós o remédio de Deus para o pecado. Neste versículo, Ele declara, como parafraseamos aqui: “*Foi desta maneira – dando o Seu Filho para ser levantado numa cruz como a serpente na haste – que Deus amou o mundo: o Seu amor compeliu-O a enviar o Filho unigénito para ser crucificado, ser levantado numa cruz, para que todo aquele que n’Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.*”

Foi desta maneira que Deus nos amou: a si e a mim. Ele ofereceu o Seu Filho para sofrer a sorte do pecador, no seu e no meu lugar, para que não tenhamos de morrer para sempre, mas possamos ter a vida eterna! Que amor espantoso! Como podemos virar as costas a Alguém que nos valoriza tanto? A única resposta apropriada a um amor como este é dar-mo-nos plena e completamente a Ele, por toda a eternidade!

O mesmo apóstolo João escreveu na sua carta universal: “*Deus é amor. Foi assim que Deus mostrou o seu amor por nós: enviou o seu Filho unigénito ao mundo, para recebermos a vida por meio dele. E esse amor consiste nisto: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi ele que nos amou e nos enviou o seu Filho para ser sacrifício de expiação pelos nossos pecados. [...] Nós sabemos e acreditamos que Deus nos ama. Deus é amor: aquele que vive no amor permanece em Deus e Deus nele*” (I João 4:8-10, 16, BpT). ▢

Conheça e leia  
*a carta de amor de*  
Deus à Humanidade!



*Receba e reflita,*  
*à sua volta, o Amor de Deus!*  
Peça gratuitamente: 933 93 92 91.

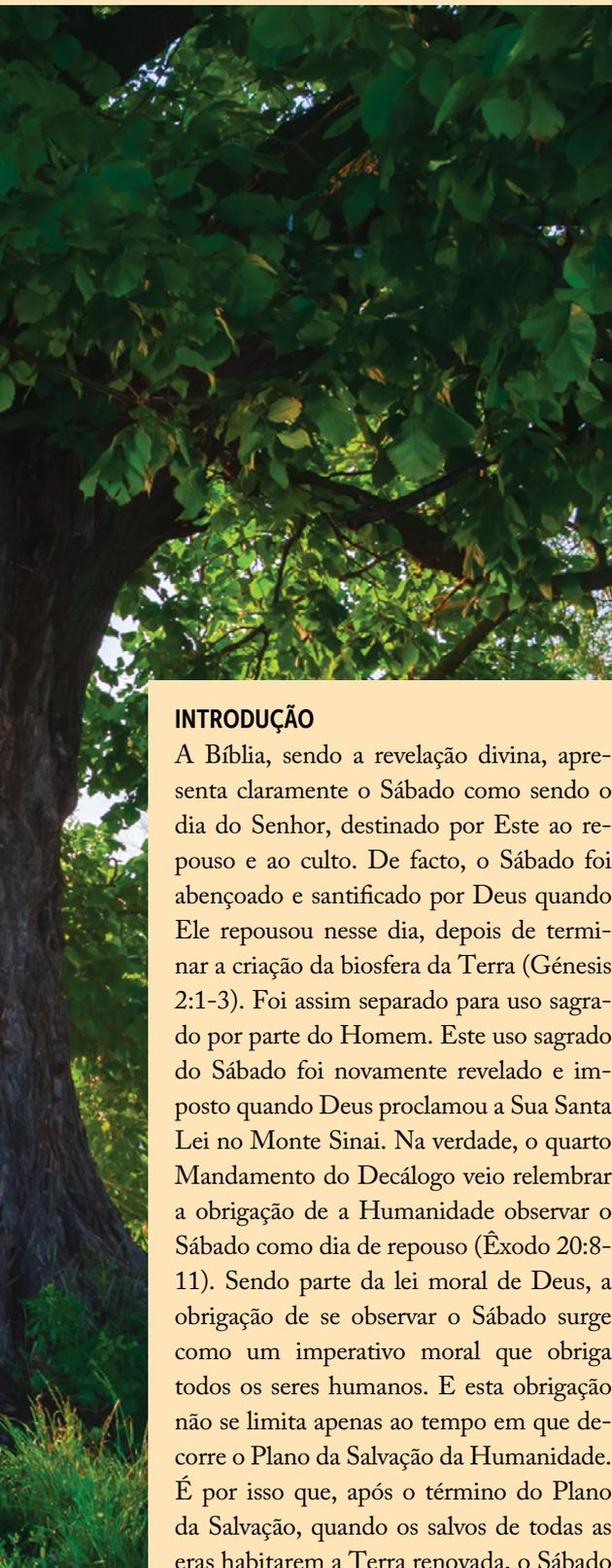
**HISTÓRIA**

# DO SÁBADO PARA O DOMINGO

**O surgimento  
da observância  
do domingo no  
Cristianismo  
pós-apostólico**



Paulo Lima  
Editor da *Sinais dos Tempos*



## INTRODUÇÃO

A Bíblia, sendo a revelação divina, apresenta claramente o Sábado como sendo o dia do Senhor, destinado por Este ao repouso e ao culto. De facto, o Sábado foi abençoado e santificado por Deus quando Ele repousou nesse dia, depois de terminar a criação da biosfera da Terra (Gênesis 2:1-3). Foi assim separado para uso sagrado por parte do Homem. Este uso sagrado do Sábado foi novamente revelado e imposto quando Deus proclamou a Sua Santa Lei no Monte Sinai. Na verdade, o quarto Mandamento do Decálogo veio lembrar a obrigação de a Humanidade observar o Sábado como dia de repouso (Êxodo 20:8-11). Sendo parte da lei moral de Deus, a obrigação de se observar o Sábado surge como um imperativo moral que obriga todos os seres humanos. E esta obrigação não se limita apenas ao tempo em que decorre o Plano da Salvação da Humanidade. É por isso que, após o término do Plano da Salvação, quando os salvos de todas as eras habitarem a Terra renovada, o Sábado

continuará a ser o dia de repouso e de culto para o Homem, e sê-lo-á por toda a eternidade (Isaías 66:22 e 23).

No entanto, apesar da clara evidência bíblica em favor da obrigação da observância do Sábado, a grande maioria das Igrejas Cristãs ensina e impõe a observância do domingo como dia de repouso e de culto. Assim, surge naturalmente a pergunta: Como se deu a transição da observância do Sábado para a observância do domingo? No presente artigo, iremos descrever o processo histórico inicial que determinou a transição da prática bíblica da Igreja Apostólica para a prática antibíblica da Igreja Pós-Apostólica. Identificaremos, assim, o surgimento da observância do domingo no Cristianismo pós-apostólico. Para este efeito, basear-nos-emos na ampla pesquisa realizada pelo teólogo Samuele Bacchiocchi, que foi apresentada na sua tese de Doutorado, defendida brilhantemente na Universidade Pontifícia Gregoriana de Roma.<sup>1</sup>

## ROMA E A ORIGEM DO DOMINGO

A adoção do domingo como novo dia de repouso e de culto dos Cristãos ocorreu primeiro na Igreja da cidade de Roma, a capital do Império Romano, por volta do II século. Foi a partir de Roma que se difundiu o costume de adorar não ao Sábado, mas ao domingo. A adoção do domingo em substituição do Sábado em Roma explica-se pelas seguintes razões. Primeira, a separação radical entre Cristianismo e Judaísmo e o surgimento de uma posição antijudaica, que ocorreu muito cedo em Roma, o que implicou um abandono precoce do Sábado e a sua substituição pelo domingo. Segunda, a Igreja de Roma go-

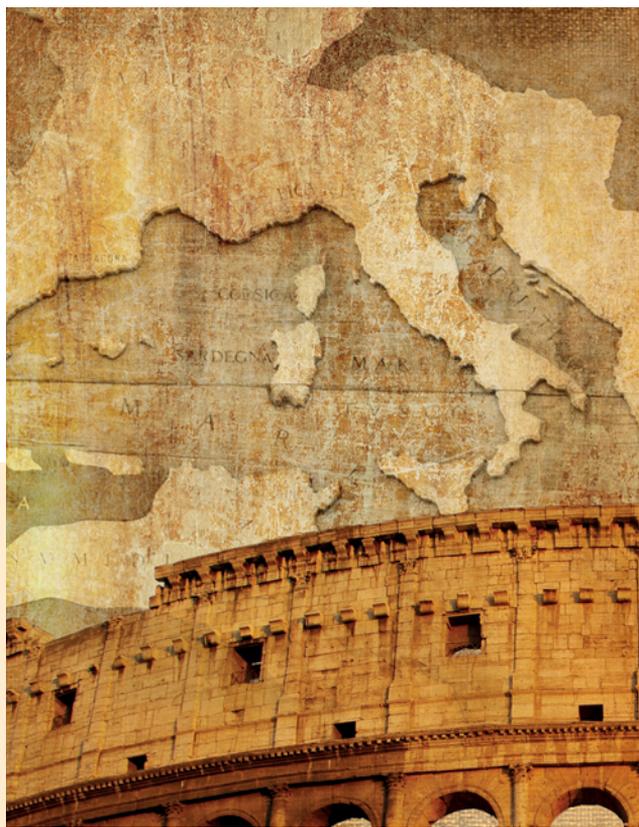
<sup>1</sup> Samuele Bacchiocchi, *From Sabbath to Sunday: A Historical Investigation of the Rise of Sunday Observance in Early Christianity*, Rome: The Pontifical Gregorian University Press, 1977, pp. 369.

zava de uma autoridade amplamente reconhecida pela Cristandade desde o século II, devido a ser a Igreja da capital do Império. Essa autoridade permitiu e facilitou a promoção inovadora de um novo dia de culto. Foi assim que se espalhou gradualmente o costume de se observar o domingo, em lugar do Sábado, como dia sagrado entre os Cristãos. Vejamos mais de perto as causas e as circunstâncias religiosas, sociais e políticas deste importante processo histórico.

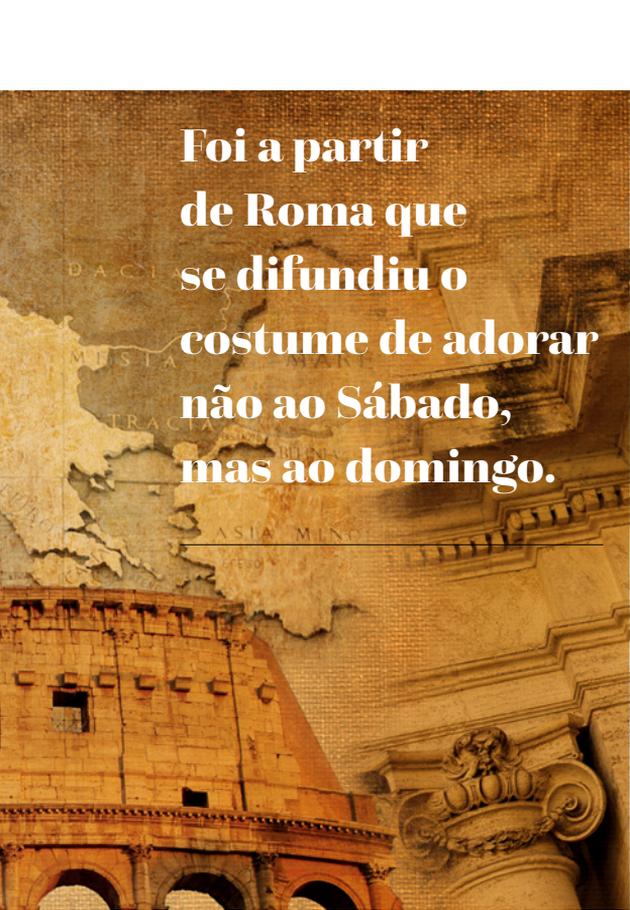
Pelo menos desde o tempo do apóstolo Paulo, na segunda metade do século I, a Igreja de Roma era composta principalmente por Cristãos gentios (Romanos 11 e 13). Esta predominância de Cristãos gentios e o seu conflito com os Judeus, dentro e fora da Igreja, levou necessariamente a uma separação precoce entre as duas Comunidades e a um afastamento do Judaísmo em Roma. O abandono da guarda do Sábado e a adoção do domingo seriam dois dos aspetos mais significativos deste processo de diferenciação identitária no seio do Cristianismo romano.

Esta diferenciação entre Cristãos e Judeus começou também a ser reconhecida pelas autoridades civis romanas na segunda metade do século I, o que explica por que razão o Imperador Nero pôde acusar a Comunidade Cristã de Roma de ser a autora do incêndio que devastou a cidade em 64 d.C.. Este reconhecimento do Cristianismo como corpo religioso distinto do Judaísmo por parte das autoridades romanas foi claramente o resultado natural das tentativas de Cristãos e de Judeus se diferenciarem e se separarem aos olhos dos Romanos. Este processo de diferenciação entre Cristãos e Judeus em Roma terá, desde cedo, levado ao abandono do Sábado e à adoção do domingo como novo dia de culto por parte da Igreja de Roma.

A promoção da diferenciação do Judaísmo por parte dos Cristãos de Roma tam-



bém se explica pelo aumento do sentimento antissemita e das medidas antijudaicas por parte das autoridades romanas. As revoltas e os tumultos promovidos pelos Judeus no Império entre 66 d.C. e 135 d.C. levaram a um forte ressentimento e, mesmo, ao ódio contra os Judeus por parte das autoridades romanas e por parte da população romana em geral. As autoridades romanas não só reprimiram militar e politicamente os Judeus, impondo mesmo a proibição da observância do Sábado no reinado do Imperador Adriano (117-138 d.C.), como se assistiu a um recrudescer do ataque literário contra os Judeus por parte dos intelectuais romanos. O antissemitismo literário de homens como Séneca (4 a.C.-65 d.C.), Pérsio (34-62 d.C.), Petrónio (ca. 66 d.C.), Quintiliano (35-100 d.C.), Marcial (ca. 40-104 d.C.), Plutarco (ca. 46-119 d.C.), Juvenal (ca. 125 d.C.), Tácito (55-120 d.C.) e Dio Cássio (130-220 d.C.), entre ou-



## Foi a partir de Roma que se difundiu o costume de adorar não ao Sábado, mas ao domingo.

tros, veio denegrir a imagem dos Judeus e da sua religião. Esta forte hostilidade contra os Judeus foi especialmente sentida na cidade de Roma e terá dado aos Cristãos romanos mais uma forte razão para cortarem qualquer ligação com o Judaísmo. Assim se explicam as medidas que a Igreja de Roma tomou para tornar clara às autoridades romanas a ausência de qualquer ligação com o Judaísmo. De facto, uma pesquisa alargada da Literatura cristã do século II mostra que, por altura do Imperador Adriano (117-138 d.C.), a maior parte dos Cristãos assumia uma atitude de radical diferenciação face aos Judeus e ao Judaísmo. No referido século, e nos séculos seguintes, foi produzida uma vasta Literatura cristã que atacava os Judeus, tanto em termos sociais, como teológicos. Estamos a falar de obras como *O Diálogo com Trifão*, de Justino, o *Contra os Judeus*, de Milcíades, ou o *Contra os Judeus*, de Tertuliano, entre

muitas outras. Assim, os Cristãos foram levados a desenvolver uma nova identidade, substituindo costumes religiosos caracteristicamente judeus por outros não conotados com o Judaísmo. Ora, o Sábado era um destes costumes caracteristicamente judeus que os Cristãos de Roma procuraram pôr de parte. Afinal, ele tinha sido ilegalizado pelo Imperador Adriano e era abertamente ridicularizado pelos intelectuais romanos no século II. A Igreja da cidade de Roma, onde o antisemitismo era mais sentido, foi assim motivada a desempenhar um papel de liderança no processo de diferenciação cristã face ao Judaísmo e, portanto, no abandono do Sábado e na sua substituição pelo domingo.

De facto, a adoção do domingo como novo dia de culto foi o resultado imediato do menosprezo e do abandono do Sábado. Assim, a Igreja de Roma tomou medidas para desviar os seus membros da veneração do Sábado. Justino Mártir (ca. 100-165 d.C.), que ensinou e escreveu em Roma em meados do século II, avançou uma condenação sistemática do Sábado na sua obra *Diálogo com Trifão* e apresentou a primeira indicação explícita da observância do domingo – o “dia do Sol” – como dia de culto cristão na sua Primeira Apologia. Nesta, ele escreveu: “E no dia que chamamos ‘dia do Sol’, todos os que habitam na cidade ou no campo reúnem-se num mesmo lugar e são lidas as Memórias dos Apóstolos e os Livros dos Profetas, durante o tempo disponível.”<sup>2</sup> Foi também em Roma que surgiu o costume de jejuar no Sábado, para demonstrar desprezo pelo Sábado e pelos seus observadores judeus. Este costume antijudaico começou, segundo as indicações documentais que temos, por volta do século II d.C., e foi durante muito tempo uma ca-

<sup>2</sup> Justino, *Primeira Apologia*, 67, 3. In: *Em Defesa dos Cristãos*, Lisboa: Paulus, 2019, p. 148.

racterística litúrgica específica da Igreja de Roma. Esta introdução do costume de se jejuar no Sábado foi também aproveitada para aumentar a veneração pelo domingo. De facto, o jejum do Sábado impedia a celebração da Eucaristia nesse dia. Assim, desde o século II, a Igreja de Roma deixou de permitir a reunião da assembleia e a celebração da Eucaristia no Sábado. Portanto, fica mais uma vez claro que a Igreja de Roma desempenhou um papel-chave no Cristianismo pós-apostólico no tocante ao esvaziamento do significado teológico e litúrgico do Sábado, tendo em vista o seu abandono. O objetivo foi o de desviar os Cristãos da veneração do Sábado e, assim, levá-los a adotarem exclusivamente o domingo como dia de culto.

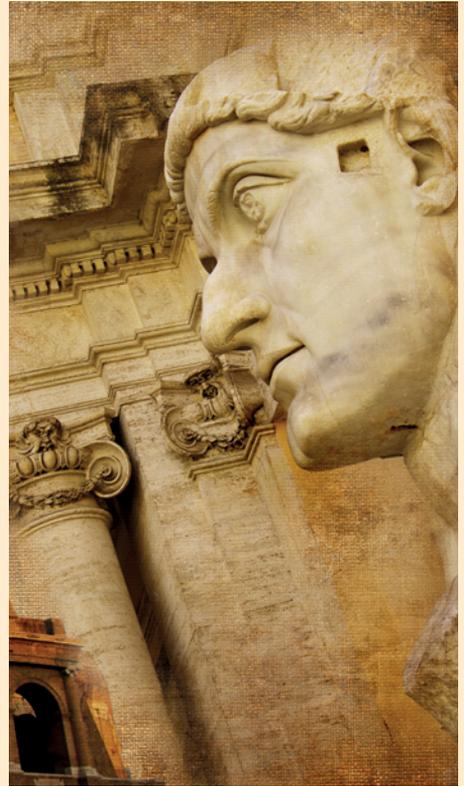
Outro contributo para a substituição litúrgica do Sábado pelo domingo na Igreja de Roma foi a controvérsia sobre a data da celebração da Páscoa cristã em que Victor, o Bispo de Roma, se envolveu no fim do século II. De facto, a Igreja de Roma foi a primeira a defender que a Páscoa cristã não fosse celebrada no 14 de Nisan, como faziam os Cristãos desde o início da Igreja Apostólica (conformando-se com a data da Páscoa judaica), mas que passasse a ser celebrada no domingo a seguir à data da Páscoa judaica. Este costume litúrgico defendido por Roma, que procurava dissociar totalmente a Páscoa cristã da Páscoa judaica, dataria do pontificado do Bispo Sixto (ca. 116-126 d.C.). Assim, a defesa precoce desta inovação litúrgica – o domingo de Páscoa – pela Igreja de Roma indica claramente que o domingo semanal já era então uma realidade litúrgica em Roma. Na verdade, encontramos numerosos testemunhos nos escritos dos Pais da Igreja dos primeiros séculos que revelam que o domingo semanal e o domingo de Páscoa eram vistos como sendo a mesma festa, que comemorava o mesmo evento sacro:

a ressurreição de Jesus Cristo. Pelo que a defesa e a adoção do domingo de Páscoa indicam claramente que o domingo semanal já tinha também ganho uma importante relevância no culto da Igreja de Roma. A estreita ligação teológica e histórica entre o domingo de Páscoa e o domingo semanal indica que a mesma motivação antisemita, que foi a motivação responsável pela substituição litúrgica do 14 de Nisan pelo domingo da Páscoa, foi também a motivação que esteve na origem da substituição litúrgica do Sábado pelo domingo como dia de culto. E que, certamente, a imposição da observância do domingo semanal ocorreu a par com a imposição da observância do domingo de Páscoa.

A questão final que se coloca é a seguinte: tinha a Igreja de Roma, a partir do século II d.C., o poder e a influência necessários para difundir paulatinamente na Igreja Pós-Apostólica a adoção litúrgica do domingo como dia de culto cristão em lugar do Sábado? Os testemunhos históricos que chegaram até nós assim o indicam. Vejamos apenas três exemplos claros. Por volta de 95 d.C., Clemente, Bispo de Roma, escreveu uma carta à Igreja em Corinto para resolver uma discórdia eclesial interna. O prestígio do Bispo de Roma manifesta-se claramente no tom resolutivo e, mesmo, ameaçador da carta, que impõe respeito e espera obediência. Alguns anos depois (por volta de 110-117 d.C.), na sua *Carta aos Romanos*, Inácio aplica à Igreja de Roma epítetos altamente honoríficos e muito respeitosos. Enquanto, nas suas Epístolas dirigidas a outras Igrejas, ele admoesta e censura os respetivos membros, na sua *Carta aos Romanos* ele expressa apenas pedidos respeitosos. No fim do século II, Irineu, Bispo de Lyon (desde 178 d.C.), no seu livro *Contra as Heresias*, descreve a Igreja de Roma como “a muito grande, a muito antiga e a universalmen-

**O Pontífice romano detinha, efetivamente, uma autoridade eclesiástica única e amplamente reconhecida pelas Igrejas da Cristandade, autoridade essa que lhe permitiria fazer aceitar novos costumes religiosos e novas observâncias litúrgicas.**

---



te conhecida Igreja fundada e organizada em Roma pelos dois gloriosos apóstolos, Pedro e Paulo”. Depois, Irineu acrescenta: “Pois é uma questão de necessidade que cada Igreja esteja de acordo com esta Igreja, por causa da sua preeminente autoridade, isto é, todos os fiéis de todas as partes.”<sup>3</sup> Outros exemplos históricos poderiam ser aduzidos para mostrar como era grande a autoridade moral e eclesial de Roma já desde o século II. O Pontífice romano detinha, efetivamente, uma autoridade eclesiástica única e amplamente reconhecida pelas Igrejas da Cristandade, autoridade essa que lhe permitiria fazer aceitar novos costumes religiosos e novas observâncias litúrgicas. Foi exatamente isso que ele fez, ao impor gradualmente o domingo de Páscoa como substituto litúrgico do 14 de Nisan e o domingo semanal como substituto litúrgico do Sábado.

### **A ADORAÇÃO DO SOL E A ORIGEM DO DOMINGO**

Contudo, a escolha do domingo como novo dia de culto cristão não se explica apenas pela posição antijudaica da Igreja Pós-Apostólica em Roma. Este anti-judaísmo criou a necessidade de se substituir o Sábado por outro dia de culto, mas não determinou a escolha específica do domingo para esse efeito. Que fatores foram então determinantes para a escolha do domingo como novo dia de culto cristão? Como veremos, a influência do culto solar pagão, com o seu “dia do Sol”, sobre os Cristãos pós-apostólicos impõe-se como a explicação para a escolha do domingo como dia sagrado do Cristianismo a partir do século II.

<sup>3</sup> Irineu, *Adversus haereses*, 3.3.1, ANF 1, p. 415. Citado por Samuele Bacchiocchi, *From Sabbath to Sunday*, p. 209.

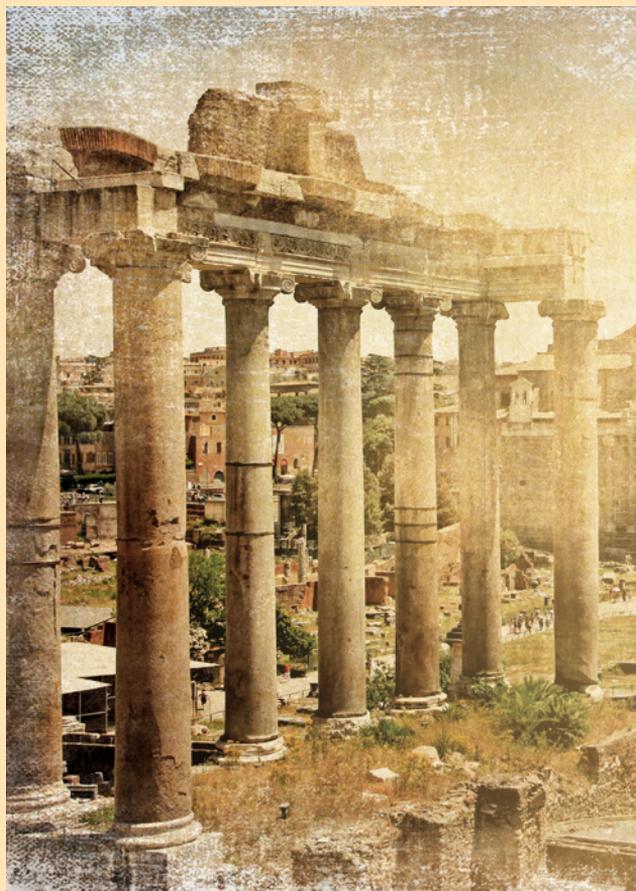
De facto, o culto do Sol era praticado na antiga Roma nos séculos I e II d.C., sob duas formas. Até ao fim do século I, os Romanos celebravam um culto do Sol autóctone. Por exemplo, depois da conquista do Egito (em 31 a.C.), o Imperador Augusto enviou dois obeliscos para Roma para serem dedicados ao Sol no Circo Máximo e no Campo de Marte. Entretanto, a partir do começo do século II, começaram a propagar-se os cultos orientais do Sol Invicto Mitra e Elagábalo em Roma e no seu Império. O culto do Sol Invicto Mitra assumiu a forma de um culto privado, mas o culto do Sol Invicto Elagábalo foi patrocinado pelas autoridades romanas e, durante o reinado do Imperador Elagábalo (218-222 d.C.), foi o culto oficial de todo o Império Romano. Sob as suas duas formas, privada e pública, o culto do Sol Invicto tornou-se dominante em Roma e no seu Império por volta do início do século II.

Este prestígio do deus Sol em Roma, e a importância do seu culto público e privado, tiveram um reflexo sócio-religioso no relevo que foi dado ao *dies solis*, isto é, ao “dia do Sol”. Este chegou a ser o primeiro dia da chamada semana planetária, que consistia na sucessão de sete dias designados segundo as divindades astrais mais importantes do paganismo greco-romano que se identificavam com os cinco Planetas, a Lua e o Sol. Pelos testemunhos históricos que chegaram até nós, sabemos que a semana planetária já tinha sido adotada no século I d.C. pelo mundo greco-romano. Por exemplo, o historiador romano Dio Cássio, que escreveu a sua *História Romana* entre 200 e 220 d.C., refere-se à semana planetária como prevalecendo em todo o Império no seu tempo, e declara também que ela já era então um “costume ancestral” dos Romanos. Embora, inicialmente, o dia do Sol fosse o segundo dia da semana, depois

do dia de Saturno, a existência simultânea do culto do Sol e da semana planetária em Roma fez com que, com o desenvolvimento do culto solar, o dia da semana dedicado ao Sol assumisse um relevo particular, passando a ser o primeiro dia da semana, dedicado ao repouso e à celebração religiosa.

Esta preeminência do dia do Sol – o nosso domingo – era já uma realidade estabelecida na Sociedade Romana em meados do século II, como prova a referência que é feita pelo famoso astrólogo Vettius Valens, na sua *Antologia*, redigida entre 154 e 174 d.C., quando atribui ao dia do Sol o primeiro lugar no curso da semana.

Ora, a adoção da observância do domingo como dia de culto pelos Cristãos no século II, em lugar do Sábado, foi um processo que ocorreu simultaneamente



com a consagração do dia do Sol como o dia mais importante da semana planetária. Os Cristãos pós-apostólicos não ficaram imunes à veneração popular do Sol que ocorria especialmente no primeiro dia da semana. Na verdade, a sua teologia e a sua liturgia revelam a presença de três reflexos significativos do culto do Sol: o tema de Cristo-o-Sol, a orientação para o Oriente na oração e a data adotada para a celebração do Natal. De facto, a Iconografia e a Literatura cristãs pós-apostólicas associam a imagem de Cristo, “*o Sol da Justiça*”, com o Sol Invicto Mitríaco. A representação do deus Sol Mitra como um homem com um disco por detrás da sua cabeça foi utilizada pela Arte e pela Literatura cristãs dos primeiros séculos para representar Cristo como “*o Sol da Justiça*”.

**Convém destacar o facto, nada surpreendente, de que a Igreja de Roma foi a pioneira na promoção da nova data do Natal – 25 de dezembro.**

A adoção do Oriente em lugar de Jerusalém como nova orientação para a oração por parte dos Cristãos pós-apostólicos revela uma influência adicional do culto do Sol na sua liturgia. Os Pais da Igreja avançaram diversas razões para se abandonar a inicial orientação para Jerusalém em favor da orientação para o nascer do Sol. Por exemplo, Clemente de Alexandria (150-215 d.C.) justificava esta nova prática porque o Oriente representava o lugar de nascimento da luz que anula “as trevas da noite”. Na verdade, querendo dissociar-se do costume judeu, e tendo previamente venerado o Sol, os Cristãos gentios trocaram – talvez inconscientemente – a orientação de Jerusalém pela orientação do Sol nascente, reinterpretando o significado desse novo costume litúrgico à luz da concepção cristã de Cristo como “*o Sol da Justiça*”.

Finalmente, a adoção do 25 de dezembro para se celebrar o nascimento de Jesus (em lugar da antiga data de 6 de janeiro) é o exemplo mais explícito da influência do culto solar sobre o calendário litúrgico do Cristianismo pós-apostólico. De facto, nessa data era celebrada a festa pagã mitríaca do *dies natalis Solis Invicti*, isto é, do dia de nascimento do Sol Invicto. A grande maioria dos académicos concorda que a verdadeira razão para a escolha do 25 de dezembro por parte dos Cristãos para se comemorar o Natal cristão foi a política de se procurar facilitar a aceitação da fé Cristã pelas massas pagãs que estavam habituadas a celebrar a festa mitríaca. Convém destacar o facto, nada surpreendente, de que a Igreja de Roma foi a pioneira na promoção da nova data do Natal.

Estes três exemplos que considerámos brevemente mostram como houve, de facto, uma influência do culto do Sol sobre a teologia e a liturgia cristãs pós-apostólicas por volta do século II. No entanto, nos documentos que chegaram até nós, os autores

patrísticos dessa época não associam *explicitamente* o domingo cristão e o dia do Sol venerado pelos pagãos. Embora Cristo seja frequentemente referido pelos primeiros Pais da Igreja como “a Verdadeira Luz” e “o Sol da Justiça”, não há uma tentativa deliberada para justificar a observância do domingo no seu tempo usando a simbologia do dia do Sol. É apenas a partir de Eusébio (ca. 260-340 d.C.) que é feita tal tentativa e é declarada explicitamente a substituição do Sábado pelo domingo, o dia do Sol, como algo realizado pela autoridade da Igreja Cristã Pós-Apostólica. De facto, no seu *Comentário ao Salmo 91*, Eusébio escreve: “O Logos transferiu, pela Nova Aliança, a celebração do Sábado para o dia do surgimento da luz. Ele deu-nos um tipo do verdadeiro repouso no dia salvador do Senhor, o primeiro dia da luz. [...] Neste dia da luz, o primeiro dia e o verdadeiro dia do Sol, quando nos reunimos após o intervalo de seis dias, celebramos o santo e espiritual Sábado. [...] Todas as coisas que foram prescritas para se realizarem no Sábado, nós transferimos para o *dia do Senhor*, por ser este mais autorizado, mais altamente considerado e o primeiro em categoria, e mais honorável do que o Sábado judeu. De facto, é neste dia da criação do mundo que Deus disse: ‘Haja luz e houve luz.’ É também neste dia que o Sol da Justiça Se ergueu na nossa alma.”<sup>4</sup> Portanto, Eusébio reconhece aqui abertamente que foi pela autoridade da Igreja que o costume tradicional de se celebrar o culto no domingo – o “Dia do Senhor” – foi instituído, tendo-se abandonado o Sábado. Como vimos até aqui, este costume foi o resultado de um processo gradual de abandono do Sábado e de adoção do domingo, o “dia do Sol”, que

## O que deve orientar a nossa adoração? A tradição dos homens ou a Palavra de Deus?

se tornou no “dia do Senhor”, como dia de culto, processo esse que começou no século II e foi liderado pela Igreja de Roma. À data em que Eusébio escreveu, a observância do domingo como dia de culto cristão era já uma tradição com mais de um século, sendo um costume então aceite pela generalidade da Igreja Cristã.

### CONCLUSÃO

Fica assim explicada a transição histórica da observância do Sábado, por parte da Igreja Apostólica, para a observância do domingo, por parte da Igreja Pós-Apostólica. Fica bem claro que o surgimento do domingo como dia de culto e de repouso se deu no seio da Igreja de Roma. Foi por causa desta incipiente substituição do Sábado pelo domingo na Igreja Pós-Apostólica que o domingo se viria a afirmar historicamente como o tradicional dia sagrado para a maioria das Igrejas Cristãs hoje existentes. Porém, convém perguntar: o que deve orientar a nossa adoração? A tradição dos homens ou a Palavra de Deus? Jesus Cristo oferece-nos uma resposta clara e inequívoca para esta interrogação: “*Mas em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens*” (Mateus 15:9). Assim, o Cristão fiel à revelação bíblica não poderá aceitar o domingo como dia sagrado, pois este não apresenta as credenciais divinas. Deverá, antes, ser um fiel observador do Sábado, pois a Palavra de Deus diz: “*Lembra-te do dia de Sábado, para o santificar. [...] O sétimo dia é o Sábado do Senhor, teu Deus*” (Êxodo 20:8, 10). ▢

<sup>4</sup> Eusébio, *Commentaria in Psalmos* 91, PG 23, 1169-1172. Citado por Samuele Bacchionchi, *From Sabbath to Sunday*, p. 261.

# Seja Feliz!



*“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.” Mateus 11:28.*



*Alivie a sua dor, hoje!*

Peça gratuitamente: 933 93 92 91.

**CIÊNCIA**

# ALEGRIA E SAÚDE

Série *CRER FAZ BEM*

≈

**Julián Melgosa**

*Psicólogo*



Na mensagem de Ano Novo de 2012, Regina Benjamim (*Surgeon General*, EUA) delineou algumas sugestões de mudança e escreveu: “Um comportamento saudável deve ser alegre. O meu desejo é devolver a alegria à saúde; alegria para as pessoas e alegria para os profissionais. Jamais subestimem o poder da alegria.”<sup>1</sup> Uma das mais prolíficas escritoras americanas do século XIX, Ellen G. White, já descrevia atitudes específicas que podem proteger-nos das doenças: “Gratidão, alegria, benignidade, confiança no amor e no cuidado de Deus são a maior



**Uma pessoa alegre é, normalmente, mais bem aceite pelos outros na sua rede de relacionamentos sociais, um fator importante para a saúde.**

---

salvaguarda da saúde. Para os Israelitas, elas deviam ser a nota predominante da vida.”<sup>2</sup>

A questão é: como pode a alegria proporcionar saúde? Por um lado, a infelicidade crónica desperta a resposta ao stresse, que mantém a pessoa em alerta, mas aumenta a pressão sanguínea e baixa a imunidade, tornando o organismo vulnerável. Em contraste, o estado de felicidade induz ao bom-humor, estimula e fortalece o Sistema Imunitário, reduzindo, portanto, os riscos de infeções e protegendo o corpo de doenças crónicas. Além disso, pessoas felizes têm mais motivação para cuidar da melhor maneira possível da sua saúde: dão mais atenção ao regime alimentar e à manutenção do peso, ao exercício físico, e fazem uso de todos os recursos disponíveis para obter melhores condições físicas. Pessoas alegres tendem a ser otimistas e processam as dificuldades que enfrentam de modo mais positivo do que as pessoas negativas. Com isso, o mais provável é que não abriguem pensamentos catastróficos, precursores da depressão. Uma pessoa alegre é, normalmente, mais bem aceite pelos outros na sua rede de relacionamentos sociais, um fator importante para a saúde. Estes relacionamentos acabam por ser mais estáveis e de maior qualidade em comparação com os relacionamentos sociais de pessoas pessimistas.

### **ALEGRIA E LONGEVIDADE**

Uma das melhores análises sobre a felicidade como um poderoso fator de saúde foi feita por Ruut Veenhoven, um sociólogo da Universidade Erasmus, em Roterdão, na Holanda.<sup>3</sup> Nesse estudo, a

<sup>1</sup> <http://www.surgeongeneral.gov/videos/2012/01/joy-back-in-health.html>

<sup>2</sup> Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, Sabugo: Publicadora SerVir, 2015, p. 208.

<sup>3</sup> Ruut Veenhoven, “Healthy Happiness: Effects of Happiness on Physical Health and the Consequences for Preventive Health Care”, *Journal of Happiness Studies* 9 (2008), pp. 449-469.

## A alegria parece ser um bom fator de promoção da saúde, mas, algumas vezes, a doença toma conta e os acidentes acontecem.

felicidade destaca-se como um forte indicador de longevidade em populações saudáveis. As consequências do estado de infelicidade foram consideradas nesse estudo como tendo os mesmos efeitos do tabaco numa pessoa que fuma continuamente. Veenhoven escolheu os melhores estudos, de acordo com os métodos utilizados, todos longitudinais, conduzidos em áreas de população normal. Foram realizados nos Estados Unidos da América, no Japão, na Alemanha, na Suécia, na Finlândia, no Canadá, em Inglaterra e na Holanda. Focaram-se em 24 tipos de resultados, 16 dos quais mostraram os efeitos positivos da felicidade sobre a longevidade; oito também foram positivos, mas não estatisticamente significativos, e não houve nenhum resultado negativo. A

atitude de completa felicidade aumentou a longevidade de sete anos e meio a dez anos – o mesmo resultado acrescentado para uma pessoa vegetariana!

O efeito mais significativo da alegria sobre a saúde e a longevidade é encontrado numa pesquisa que teve como título *Nun Study* (*Estudo realizado com Freiras*). Deborah Danner e outras duas colegas da Universidade do Kentucky (EUA) rastream uma coleção de documentos preparados há mais de seis décadas para analisar os efeitos da alegria sobre a longevidade.<sup>4</sup> Um grupo de 180 freiras, as quais escreveram a sua autobiografia nos tempos de juventude, foi acompanhado quando elas já estavam em idade avançada (entre 75 e 95 anos). O estudo teve início em 22 de setembro de 1930, quando a Madre Superiora da Escola de Irmãs de Notre Dame, na América do Norte, enviou uma carta a todas as irmãs solicitando que começassem a escrever a sua autobiografia. Décadas mais tar-

<sup>4</sup> Deborah D. Danner et al., "Positive Emotions in Early Life and Longevity: Findings from the Nun Study", *Journal of personality and Social Psychology* 80 (2001), pp. 804-813.



de, esses documentos, tanto escritos à mão como datilografados, tornaram-se numa fonte de pesquisa de valor incalculável. O grupo era composto de mulheres que se uniram à congregação de 1931 a 1943, a maioria delas de Milwaukee, no Wisconsin, e Baltimore, no Maryland. As autobiografias foram classificadas como: baixo índice de emoções positivas; alto índice de emoções positivas; ou índice neutro. O trabalho foi realizado por duas pessoas que classificaram os estudos de maneira independente, sendo depois verificados por uma terceira pessoa, o que possibilitou um alto grau de coerência. As autobiografias com elevado índice de emoções positivas apresentavam uma rica descrição dos estados de alegria e felicidade. Os responsáveis pela realização buscavam emoções positivas, atribuindo os valores mais altos de acordo com a sua importância, nesta ordem: felicidade, interesse, amor, esperança, gratidão, contentamento, e outros. Da mesma forma, pesquisaram quais eram as emoções negativas, classificando-as nesta ordem: tristeza, medo, desinteresse, confusão, ansiedade, e assim por diante.

Os resultados mostraram que as participantes que utilizaram uma linguagem com grande quantidade de emoções positivas, quando começaram a escrever a sua autobiografia, apresentaram menor risco de mortalidade em idade mais avançada. Em termos quantitativos, o grupo com menor quantidade de emoções positivas tinha duas vezes e meia mais risco de mortalidade. Como esse processo funciona, é algo ainda desconhecido. Mas apenas o facto de sabermos que as emoções expressas no início da idade adulta (entre os 18 e os 32 anos) se tornam num indicador de saúde e longevidade, décadas mais tarde, já deveria ajudar-nos a tomar a decisão de manter o coração cheio de alegria. E não estou a sugerir que a pessoa simplesmente

te passe a pertencer a uma religião para conseguir isso; na realidade, foi verificado que algumas freiras que viveram enclausuradas, mas não cultivaram uma atitude de alegria, morreram muito tempo antes daquelas que mantinham um espírito alegre. Estou a apresentar este facto como um exemplo de que a alegria pode promover a saúde, o bem-estar e uma vida mais longa. Isso torna-se muito mais profundo e significativo, se essa alegria estiver alicerçada num contínuo relacionamento com Jesus, que pode conceder-nos a maior alegria, se Lhe pedirmos: *“Peçam que hão de receber, e assim a vossa alegria será completa”* (João 16:24, *BpT*), disse o Mestre.

### ESPIRITUALIDADE – SAÚDE E BEM-ESTAR

Morgan Green e Marta Elliott, da Universidade do Nevada, EUA, estudaram a relação entre religião, saúde e bem-estar psicológico (felicidade).<sup>5</sup> Utilizaram dados da Universidade de Chicago, com base no *General Social Survey* (GSS), e extraíram casos com respostas relacionadas com a saúde física, felicidade e religiosidade. No contexto da saúde e da felicidade, as descobertas mais relevantes foram aquelas nas quais as pessoas que mantinham uma forte identificação com as suas crenças religiosas apresentaram mais altos níveis de saúde e bem-estar (felicidade). O facto de alguém se associar a uma religião, por si só, não traz maiores níveis de saúde e bem-estar. Somente aqueles que tinham um forte sentimento de pertencer à sua religião revelaram maior tendência de obter os benefícios de melhor saúde e bem-estar, independentemente da religião, do tipo de trabalho ou do

<sup>5</sup> Morgan Green e Marta Elliot, "Religion, Health and Psychological Well-Being", *Journal of Religion and Health* 49 (2010), pp. 149-163. Participaram no estudo 439 homens e 561 mulheres, a maioria de origem caucasiana, 14% Afro-Americanos e 8% Hispânicos.

apoio social e familiar. A análise dos dados revelou também que não há conexão alguma entre o rendimento financeiro e a felicidade, sugerindo, mais uma vez, que não há níveis de rendimento específicos que ajudem a alcançar a felicidade. Há pessoas com altos rendimentos, assim como com níveis de rendimento médios e baixos que são felizes, e há também pessoas infelizes com os mesmos níveis de rendimento.

A alegria parece ser um bom fator de promoção da saúde, mas, algumas vezes, a doença toma conta e os acidentes acontecem. Todavia, no meio de todas as devastadoras circunstâncias, Deus está pronto a enviar raios de esperança, de paz e de alegria ao sofredor. O estudo realizado por Irmo Marini e Noreen Glover-Graf, da Universidade do Texas (EUA), pesquisou como a fé trouxe felicidade a pacientes com lesões na medula espinhal, mesmo no meio da difícil situação em que viviam.<sup>6</sup> Os pesquisadores entraram em contacto com os ex-pacientes portadores de lesões na medula espinhal (LME).

Em 90% dos casos, essas pessoas sofriam de LME devido a acidentes de trânsito, quedas, prática desportiva, e outras situações. De maneira geral, afirma-

vam ser religiosas: dos 156 participantes do estudo, 19 disseram não ter religião. Os demais relataram estar ligados a uma religião específica. Na sua maioria, os participantes expressaram completa satisfação com Deus e declararam que Ele os ajudou a lidar com a doença e a alcançar a felicidade. Embora 26% tenham dito que ficaram revoltados com Deus por causa do problema que enfrentavam, 60% disseram sentir-se mais perto de Deus depois de terem adquirido a deficiência, 64% acreditavam que a sua espiritualidade os tinha ajudado a aceitar as condições em que estavam, 57% tornaram-se mais ligados a assuntos espirituais e 59% tornaram-se pessoas melhores.

As pesquisas científicas comprovam os benefícios para a saúde e para o bem-estar ao desenvolver e ao manter um espírito alegre em paralelo com a prática da espiritualidade cristã. A sabedoria bíblica, com três mil anos, já afirmava: *“Coração alegre dá saúde ao corpo; espírito abatido seca os ossos”* (Provérbios 17:22, *BpT*). ▢

<sup>6</sup> Irmo Marini e Noreen M. Glover-Graf, “Religiosity and Spirituality Among Persons with Spinal Cord Injury: Attitudes, Beliefs, and Practices”, *Rehabilitation Counseling Bulletin* 54 (2011), pp. 82-92. Fizeram parte da pesquisa 156 participantes (94 homens e 62 mulheres).



***“Coração alegre  
dá saúde ao corpo;  
espírito abatido seca  
os ossos”***  
**(Provérbios 17:22, *BpT*).**

## ***PRODUZ E DOA LIVROS em braille a crianças cegas de todo o mundo HÁ 37 ANOS***

Debra Bonde é uma mulher tímida que só queria encontrar um trabalho voluntário. Não tinha intenção de criar uma organização sem fins lucrativos, mas, em 1984, deu o primeiro passo nessa direção. Desde então, já produziu e doou milhares de livros infantis em *braille* a crianças deficientes visuais em todo o mundo.

Tudo começou quando Debra resolveu inscrever-se num curso de transcrição em *braille* para traduzir livros para o idioma de pessoas que “leem com as mãos”. Adaptou o sótão da sua casa, em Detroit (EUA), para lançar este projeto. Começou por livros infantis populares, imprimindo-os numa impressora em *braille* que o seu pai tinha feito, e vendeu-os pelo preço do papel.

A notícia espalhou-se entre pais e professores de crianças deficientes visuais e os pedidos aumentaram. Com a ajuda de amigos e de familiares, Debra fundou uma ONG, que começou a receber doações para subsidiar a produção dos exemplares.

**O nome escolhido para a instituição, *Seedlings Braille Books*, tem a ver com a sua crença de que semeamos o amor pela**

**leitura numa criança dando-lhe um livro.** No primeiro ano, a *Seedlings* imprimiu 221 exemplares.

Com um início tímido, há 37 anos, a *Seedlings* já produziu e distribuiu mais de 600 mil livros. Metade é doada. A outra é vendida pela metade do custo de produção de cada um, cerca de 10 dólares cada.

**Este é o exemplo de Debra, uma mulher com sensibilidade, dedicação e perseverança.** Demonstração nobre de ocupar o tempo numa tarefa voluntária que contribui para a alegria e formação de crianças deficientes visuais e com poucos recursos. A nossa Sociedade está carente de iniciativas como esta. ▢



# GLACIARES DA ANTÁRTIDA ACELERAM DESLIZAMENTO



Após 25 anos de observação por satélite, foi possível verificar que os 14 glaciares da região de Getz, na Antártida ocidental, aceleraram, em média, o seu deslizamento para o Oceano em quase 25%, e três deles em mais de 44%.

O estudo foi publicado na *Nature Communications*.

A investigação dirigida pela Universidade de Leeds, no Reino Unido, entre 1994 e 2018, baseou-se em dados das missões *Copérnico Sentinel-1* e *CryoSat* da Agência Espacial Europeia. Os resultados indicam também que os glaciares perderam 315 giga toneladas de gelo, fazendo subir em 0,9 milímetros o nível global médio do mar, o equivalente a 126 milhões de piscinas olímpicas de água.

Segundo a Agência Espacial Europeia, o estudo vai “ajudar a determinar se estes glaciares podem colapsar nas próximas décadas e como é que isso afetaria a futura subida no nível global do mar”.

A região de Getz, na Antártida, é tão remota que os humanos nunca pisaram a sua maior parte, mas é possível monitorizar o que ali acontece através dos satélites, destacou a diretora da investigação, Heather Selly, da Universidade de Leeds.

As “elevadas taxas de aumento” da velocidade dos glaciares, juntamente com

a diminuição da espessura do gelo, confirmam que a Bacia de Getz está em “desequilíbrio dinâmico”, o que significa que está a perder mais gelo do que aquele que ganha com os nevões, explicou a cientista.

Através de uma combinação de observações e modelos matemáticos, a equipa de investigação observou a maior alteração na região central de Getz, com um glaciário que desliza 391 metros por ano mais rápido em 2018 do que em 1994. A responsável pela investigação destacou ainda que esta é “uma mudança substancial, uma vez que agora flui a um ritmo de 669 metros por ano, um aumento de 59% em apenas duas décadas e meia”.

Anna Hogg, outra das autoras do estudo, destacou que “é necessária uma amostra consistente e extensa tanto da velocidade do gelo como da temperatura do Oceano para fazer progressos na nossa compreensão da dinâmica de perda do gelo, que representa agora 98,8% da contribuição da Antártida para o aumento do nível do mar”.

Ao examinar 25 anos de medições oceânicas, a equipa conseguiu mostrar variações complexas e anuais das temperaturas do Oceano e os seus resultados sugerem que “o aquecimento das águas oceânicas é o principal responsável por este desequilíbrio dinâmico”. ▢

# ICEBERG DO TAMANHO DE LONDRES DESPRENDE-SE DA ANTÁRTIDA



Quase dez anos após terem sido detetadas as primeiras fendas na massa de gelo, um *iceberg* com cerca de 1270 quilómetros quadrados, aproximadamente o tamanho da área metropolitana de Londres, está a desprender-se da Antártida.

O bloco de gelo, que se separou da massa polar, situa-se a menos de 20 quilómetros da estação britânica *Halley VI*, onde trabalham 12 cientistas que foram retirados antecipadamente, em meados de fevereiro, informou o centro de investigação polar *British Antarctic Survey (BAS)*. “As nossas equipas passaram anos a preparar-se para que um *iceberg* se desprendesse da plataforma de gelo de *Brunt*”, explicou em comunicado Jane Francis, diretora do *BAS*. Trata-se do terceiro grande bloco que se formou na última década na plataforma de *Brunt*, que é a protuberância flutuante de glaciares que fluíram de terra para o Mar de Weddell, a sul do Oceano Atlântico. Após separar-se da Antártida, segundo a cientista, o *iceberg* poderá agora “afastar-se ou encahar e ficar próximo da plataforma de gelo de *Brunt*”.

A equipa de cientistas vigia a fenda com “uma rede automatizada de instrumentos *GPS* de alta precisão em volta da Estação” e envia os dados recolhidos para a Universidade de Cambridge, no Reino Unido, de acordo com o *BAS*. “O nosso trabalho, agora, é vigiar de perto a situação

e avaliar qualquer potencial impacto deste desprendimento na restante plataforma de gelo”, explicou Simon Garrod, diretor de operações do *BAS*.

O *iceberg* tem um tamanho considerável, mas não alcança o do *A-68A*, que se desprendeu em julho de 2017 da plataforma de gelo *Larsen C*, no lado ocidental do Mar de Weddell. O *A-68A*, cuja trajetória pode levá-lo até às águas da ilha de São Pedro, no Oceano Atlântico Sul, partiu-se em vários pedaços grandes e está a derreter a uma média de 2,5 centímetros por dia, o que faz com que a sua forma se altere constantemente e tenha de ser monitorizado de forma permanente.

As consequências climáticas em larga escala e o pormenor de todo este derretimento dos glaciares ainda não são conhecidos. Mas uma certeza já existe: as consequências vão ser catastróficas e imprevisíveis. Não temos Terra B para nos refugiarmos. Há que preparar-se também para estes “sinais dos tempos” e para uma Nova Terra. ▢



# O Amor de Deus



A nossa compreensão de Deus deve ser baseada na Bíblia. Através dos nomes bíblicos, das descrições, dos atributos e dos atos de Deus, recebemos a Sua autorrevelação na Escritura. Esta revelação é suficiente para redimir os seres humanos e solucionar a controvérsia cósmica entre o Bem e o Mal. A Bíblia descreve Deus em relacionamento com a Humanidade.

*“Deus é espírito”* (João 4:24), *“Deus é luz”* (I João 1:5), *“Deus é fogo”* (Hebreus 12:29) e *“Deus é amor”* (I João 4:8). Deus ama e é a própria Fonte do amor (I João 4:10 e 11, 19). Na Sua verdadeira essência, Deus é amor!

A importância da liberdade é esta. Porque Deus é amor, Ele criou seres inteligentes (não escravos) com a liberdade de escolher. Foi um risco dar livre-arbítrio aos anjos e aos seres humanos, porque Deus sabia que alguns usariam mal a sua liberdade. No entanto, a menos que os seres criados sejam livres, eles não podem amar Deus. Portanto, no final, a liberdade garantiria o melhor para os seres criados, pois Deus queria oferecer-lhes um relacionamento com Ele que lhes proporcionaria a maior felicidade e a maior realização possíveis. Deus deseja relacionar-se com os seres humanos como filhos e filhas que O conheçam como Pai de amor, e a quem Ele quer libertar do mal e do pecado. Jesus disse: *“Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos; e conhecereis*

*a verdade, e a verdade vos libertará. [...] Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres”* (João 8:31 e 32, 36).

Durante a Sua passagem por esta Terra, Jesus demonstrou o Seu amor e convidou: *“Venham ter comigo todos os que andam cansados e oprimidos e eu vos darei descanso”* (Mateus 11:28, *BpT*). Deus trata com o pecado de tal forma que ele não se levantará nunca mais (Naum 1:9). E o amor infinito do Salvador foi demonstrado na Cruz. A Divindade abarca o pecado, não para o aceitar, mas removendo-o para sempre através de Cristo, que Se tornou como pecador pela Humanidade perdida: *“Cristo não tinha cometido pecado, mas Deus, para nosso bem, tratou-o como pecador para que nós em união com ele, pudéssemos ser considerados justos por Deus”* (II Coríntios 5:21, *BpT*). Cristo sofreu a morte que nós merecíamos, salvando-nos em amor e demonstrando também, neste processo, repulsa moral pelo pecado. Justiça e misericórdia encontram-se na Cruz do Calvário. A Divindade sofreu pelo pecado, para solucionar em definitivo o problema do mal: *“Mas Deus, que é rico em misericórdia, mostrou por nós um grande amor. Estando nós mortos, por causa dos nossos delitos, ele deu-nos a vida juntamente com Cristo. É pela sua graça que estão salvos”* (Efésios 2:4 e 5, *BpT*). Maravilhoso, incomparável, único, indescritível, glorioso, sublime e mui amado Salvador! □



# Diga-nos o que pensa!

Os Leitores da *Sinais dos Tempos* são convidados a darem a sua opinião.

**Do que gosta na sua *Sinais dos Tempos*?**

**Quais os artigos que mais lhe apelam, e porquê?**

**O que gostaria de ver mais na sua Revista?**

**Que temas gostaria de ver tratados?**

Nós valorizamos a sua opinião.

Partilhe as suas respostas em [sinais@pservir.pt](mailto:sinais@pservir.pt) ou escreva para *Sinais dos Tempos*, Publicadora SerVir, S.A., Rua da Serra, nº 1, Sabugo, 2715-398 Almargem do Bispo.

Trabalhamos no seu melhor interesse.  
Por isso, agradecemos a sua colaboração!

E... continue a ler a *Sinais dos Tempos*!



**UM VISLUMBRE  
DE UM TEMPO  
EM QUE NÃO  
HAVERÁ MAIS  
SOFRIMENTO.**

ORIGINAL "HISTÓRIA  
DA REDENÇÃO",  
DA AUTORA  
NORTE-AMERICANA  
ELLEN G. WHITE



*Peça gratuitamente 933 93 92 91.*